

PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO DE PRODUÇÃO: UMA PROPOSTA DE EXTENSÃO RURAL JUNTO A UM GRUPO DE AGRICULTORES AGROECOLÓGICOS

Nayã Morelli de Souza¹

Oscar José Rover²

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo analisar uma proposta de extensão rural para o planejamento de produção agroecológica do grupo “AGRODEA”, da Rede Ecovida de Agroecologia, visando o atendimento de uma demanda diversificada crescente, diante do desafio de melhor atender as expectativas por alimentos mais limpos e saudáveis dos participantes das Células de Consumidores Responsáveis (CCR). A pesquisa de caráter participativo foi realizada junto a treze famílias de agricultores/as integrantes do grupo “AGRODEA”, nos municípios de Imbuia, Ituporanga e Vidal Ramos, em Santa Catarina. O estudo foi constituído de revisão bibliográfica sobre os temas relacionados ao objetivo do trabalho, levantamento de dados sobre a demanda dos consumidores ligados a CCR e a aplicação de técnicas e metodologias participativas junto aos agricultores. A proposta desenvolvida oportunizou a visualização da realidade produtiva pelo grupo de agricultores/as, além de reflexões sobre uma maior organização grupal para realização do planejamento de produção de forma coletiva. Além disso, permitiu analisar a pertinência destas metodologias participativas em trabalhos de extensão rural.

Palavras-chaves: metodologias participativas; agroecologia, desenvolvimento rural sustentável.

¹ Graduando em Agronomia do Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis/SC-Brasil, nayamorelli@hotmail.com

² Graduado em Agronomia, Mestre em Sociologia Política, Doutor em Desenvolvimento Rural, Professor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), ligado ao Programa de Pós-graduação em agroecossistemas, Florianópolis/SC-Brasil, oscar.rover@ufsc.br

PARTICIPATORY PRODUCTION PLANNING: A PROPOSAL FOR RURAL EXTENSION WITH A GROUP OF AGROECOLOGICAL FARMERS

ABSTRACT

The goal of this study was to evaluate a rural extension proposal for the agroecological production planning of the group “AGRODEA”, from the Ecovida Agroecological Network, aiming to meet a growing diversified demand, faced with the challenge of better meeting the expectations for cleaner and healthier food from participants from the Responsible Consumer Cells (CCR). The survey was conducted among thirteen families of farmer members of the group “AGRODEA” in the municipalities of Imbuia, Ituporanga and Vidal Ramos, in the Santa Catarina State. The study was consisted of bibliographic review on subjects related to the goal of this work, the data survey over the demand of consumers linked to CCR and the implementation of techniques and participatory methodologies among the farmers. The developed proposal gave the group of farmers the opportunity to visualize the productive reality, as well as considerations over a larger group organization to carry out collective production planning. In addition, it has allowed to analyze the relevance of these participatory methodologies in the rural extension work.

Keywords: participatory methodologies, agroecology, sustainable rural development.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo analisa uma proposta de extensão rural junto a um grupo de agricultores orgânicos vinculado à Rede Ecovida de Agroecologia. A escolha de se trabalhar com essa temática surge do desafio de auxiliar de maneira efetiva e participativa esses agricultores/as, para o atendimento da crescente demanda dos consumidores por alimentos mais limpos e saudáveis. O grupo de agricultores/as denominado “Associação de Agroecologia, Desenvolvimento e Educação Ambiental” (AGRODEA) é formado por quatorze famílias de quatro municípios localizados na região do Alto Vale do Itajaí, estado de Santa Catarina. Eles participam desde 2017 de uma iniciativa de venda direta de alimentos orgânicos/agroecológicos denominada Células de Consumidores Responsáveis (CCR).

As CCR constituem um projeto de extensão do Laboratório de Comercialização da Agricultura Familiar (LACAF) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que visa a construção social de mercados justos aos agricultores agroecológicos. Elas são construídas coletivamente por consumidores e agricultores, os quais assumem diversas responsabilidades compartilhadas, relacionadas à dinâmica de funcionamento do arranjo organizacional da iniciativa. Embora esse canal de comercialização tenha demonstrado ser garantido e seguro economicamente, existem desafios junto ao grupo de agricultores/as quanto à oferta em quantidade, diversidade, qualidade e regularidade dos produtos. Diante da necessidade de organização para o atendimento da demanda, iniciou-se um trabalho de planejamento de produção junto ao grupo AGRODEA, através do uso de técnicas participativas de extensão rural.

A construção de um processo de planejamento participativo deve ser realizada em conjunto com os saberes dos participantes envolvidos, oportunizando a estes a organização de seus problemas, opiniões, ideais, conhecimentos relacionados à sua realidade, além das suas propostas e ações, permitindo assim o crescimento e a transformação da realidade coletiva (GANDIN, 2001). Ao adotar o viés de uma Extensão Rural Agroecológica, possibilita-se realizar um processo de mediação de caráter pedagógico e transformador, no intuito de atingir um modelo de desenvolvimento socialmente igualitário e ambientalmente sustentável, com soluções contextualizadas às condições de cada agroecossistema e realidade cultural (CAPORAL, 2003).

Diante da crise do modelo agroalimentar hegemônico, surgem novas discussões envolvendo o desenvolvimento local sustentável, que transcendem questões exclusivamente técnicas, produtivas, econômicas e ambientais, que incluem outros valores como os sociais, éticos e culturais, além de princípios de autonomia, segurança alimentar, justiça social, e a valorização das culturas e saberes tradicionais nos vínculos entre produção e consumo (DAROLT, 2013).

Nesse sentido, essa pesquisa possui o objetivo de analisar uma proposta participativa de extensão rural para o planejamento de produção agroecológica, visando o atendimento de uma demanda diversificada.

Este artigo está organizado em cinco partes. A primeira é composta por uma revisão teórica com análises e discussões a respeito das interações entre os temas extensão rural, agroecologia, planejamento, metodologias participativas e mercado de alimentos orgânicos/agroecológicos. Na segunda é realizada uma descrição do

contexto empírico do caso de estudo em questão: o grupo de agricultores ecológicos AGRODEA e seu compromisso com as CCR. A terceira parte detalha a metodologia utilizada no trabalho de campo. Na quarta são apresentados os resultados, acompanhados de suas discussões. Por fim, na quinta parte, são apresentadas as considerações finais sobre o trabalho de extensão e pesquisa desenvolvida.

2. REVISÃO TEÓRICA

2.1 Modelos de Extensão Rural e Agroecologia

Diversos estudos revelam o histórico da extensão rural no contexto mundial e brasileiro. O modelo de extensão rural adotado durante a modernização da agricultura, chamado “Revolução Verde”, teve como intenção o difusionismo de pacotes tecnológicos, técnicas inadequadas e descontextualizadas do público alvo, que resultaram em baixo desenvolvimento nos territórios, principalmente no âmbito da agricultura familiar (PERERA, 2009). Segundo Guzmán (2007), alguns dos resultados negativos decorrentes desse processo se expressam: na dimensão econômica, com o acúmulo de dívidas dos agricultores e desigualdade de renda entre a população urbana e rural; na questão social, com o êxodo e envelhecimento da população rural; e no âmbito ambiental, com a contaminação dos recursos hídricos, erosão, degradação da fertilidade do solo e perda da biodiversidade. A conduta difusionista, adotada pelos agentes de assistência técnica e extensão rural (ATER), desfavorecia a autonomia política e econômica das comunidades, pois os agricultores/as não eram incluídos como participantes do processo que gerava impactos coletivos (OLIVEIRA, 2015).

Diante desse cenário, surgiram movimentos a fim de contestar o que vinha sendo realizado e propor outras abordagens de extensão rural, os quais desembocaram na Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural (PNATER), na adoção de princípios da agroecologia, e criação de programas e projetos visando a revalorização do espaço rural (BRASIL, 2004; CAPORAL, 2006). Adotou-se então novas estratégias e metodologias inclusivas, de caráter participativo e educativo, com o compromisso de promover o desenvolvimento rural sustentável e superar as grandes problemáticas deixadas pelo modelo convencional de ATER.

O exercício de uma extensão educadora e dialógica, onde os sujeitos possuem uma coparticipação na criação do pensamento, possibilita uma compreensão comum e significativa para todos, permitindo ações transformadoras da realidade (FREIRE, 1983). Segundo Caporal (2003), a agricultura é uma construção social resultante da ação humana e integrada com o ambiente, por conta disso é dependente de fatores socioculturais como o saber popular dos agricultores/as (CAPORAL, 2003). Portanto a extensão rural necessitaria ser uma prática social voltada para a aprendizagem e construção de saberes coletivos, promovendo modelos de agricultura cada vez mais sustentáveis e agroecológicos (CAPORAL; COSTABEBER, 2000).

Muitos autores trazem a agroecologia como uma ciência, que articulada aos conhecimentos populares disponibiliza importantes técnicas para a construção e orientação de uma nova extensão rural (GUZMÁN, 2007; CAPORAL, 2003; CAPORAL e COSTABEBER, 2000). Segundo Altieri e Nicholls (2013), a agroecologia aproveita com maior eficácia os processos naturais e as interações positivas na agricultura, possibilitando diminuir o uso de insumos externos e criar agroecossistemas mais eficientes. Diversas experiências agroecológicas saudáveis, socialmente justas, economicamente viáveis e culturalmente aceitas, mostram que a agroecologia se consolidou globalmente como uma importante estratégia de desenvolvimento rural sustentável (GUZMÁN, 2007).

Quando aplicada às atividades extensionistas, a agroecologia consegue promover processos educativos a respeito dos diferentes agroecossistemas, valorizando a biodiversidade, o pertencimento ao local e experiências que auxiliem na distribuição de riquezas (CAPORAL, 2003). Além disso, ela possibilitaria orientar novos arranjos de comercialização e consumo de alimentos, no sentido de proporcionar melhores condições de mercados para os agricultores/as e ampliação do acesso de maneira justa aos alimentos ecológicos pelos consumidores (CASSARINO, 2013).

Diferente da agricultura convencional, pautada pela lógica industrial, a qual desvaloriza o protagonismo dos agricultores, a agricultura de base agroecológica preza pelo seu empoderamento e emancipação, tornando-os ativos no processo de construção das atividades. Para Sevilla Guzmán (2002, p. 25) “a agroecologia pretende, assim, dotar os agricultores do poder da participação”.

2.2 Planejamento e Metodologias Participativas na Extensão Rural

A partir do final dos anos setenta e início da década de oitenta, intensificou-se a organização dos movimentos sociais a fim de conquistar uma maior participação popular na política brasileira. Conseqüentemente, a utilização de metodologias participativas ganhou força nas diferentes esferas da sociedade (PERERA, 2009). No âmbito da pesquisa, o caráter participativo também começou a ser praticado com maior frequência, buscando solucionar a descontextualização das pesquisas e prática de extensão convencionais (DAL SOGLIO, 2017).

Diante do elevado número de famílias agricultoras nos territórios e da limitada quantidade de extensionistas que atuam junto a esses agricultores/as, tem-se percebido cada vez mais a necessidade de avançar nos trabalhos coletivos, sendo o enfoque participativo uma importante oportunidade de atingir resultados efetivos. Além disso, o processo de participação integrado às atividades de extensão rural ou pesquisa, torna-se essencial dentro do contexto de desenvolvimento local e sustentável, visto que a sustentabilidade acontece quando a participação social ocorre de fato, oportunizando assim o exercício de cidadania e emancipação das comunidades (PATRÍCIO, 2012). Segundo Brose (2001, p.10), “os mecanismos de participação devem possibilitar a redução dos mecanismos de exclusão”.

As metodologias participativas utilizadas na extensão rural podem ser definidas como um conjunto de métodos e instrumentos que ajudam os extensionistas nos trabalhos junto às comunidades, no intuito de facilitar o entendimento das necessidades do grupo ou sujeito, levantar propostas, potencialidades e valorizar os saberes e culturas locais, integrando assim os atores sociais no processo de construção das tecnologias e aprendizados (OLIVEIRA, 2015). Vale ressaltar que as metodologias participativas devem ser compreendidas como um processo contínuo, não estático, o qual necessita ser idealizado e adaptado com base na realidade e público alvo proposto (KUMMER, 2007).

Uma metodologia adotada a fim de promover a autonomia das comunidades necessita garantir condições de reflexão e análise coletiva da realidade, planejamento das ações para implementação do que for almejado e promoção de um projeto coletivo para o desenvolvimento local sustentável (PATRÍCIO, 2012). Segundo Gandin (1983), planejar é possibilitar transformações e intervenções contextualizadas, em uma

direção desejada. Para Sepulcri (2004), planejar é conseguir encontrar o melhor caminho, refletir, realizar comparações, tomar decisões coletivas e agir antecipadamente sobre determinadas questões.

As unidades de produção familiares agroecológicas prezam pela diversidade de culturas nos sistemas produtivos e carregam alguma dependência de fatores edafoclimáticos, ciclo biológico das plantas e animais, e período de maturação, além de questões ligadas à pós colheita dos produtos, sazonalidade de mercado e retorno financeiro (VILCKAS, 2004). Neste sentido, é preciso levar em conta as relações que os agricultores possuem com os consumidores, que na maioria das vezes não se baseiam na venda direta, o que reflete na dependência de fatores controlados por outros elos da cadeia produtiva, como os preços e características específicas exigidas aos produtos (VILCKAS, 2004).

Portanto é necessário considerar muitas variáveis ao se realizar o planejamento de produção de uma propriedade, grupo ou comunidade, e o uso de ferramentas participativas pode ajudar a superar essa complexidade de fatores e auxiliar os agricultores na preparação de eventos futuros.

2.3 O Mercado de alimentos orgânicos e agroecológicos

A demanda por alimentos mais limpos e saudáveis vem crescendo consideravelmente nos últimos anos. Em 2016, o mercado mundial de produtos orgânicos movimentou mais de €\$80 bilhões (FIBL, IFOAM, 2018). No Brasil, no ano de 2017, o valor resultante da comercialização de produtos orgânicos foi de U\$86,6 milhões, o que torna o país líder em vendas desse tipo de produto na América Latina (OTA, 2018).

Dias et al. (2015) colocam que essa tendência global é orientada pelo aumento da demanda por serviços que garantem saúde e bem-estar, além do crescimento de uma crise de desconfiança dentro da sociedade, relacionada à indústria moderna, a qual apresenta alimentos altamente industrializados, com diversos produtos químicos que prejudicam a saúde humana e o meio ambiente. Tal modelo de agricultura trouxe à tona diversos escândalos alimentares (doença da vaca-louca, contaminação por agrotóxicos, entre outros), o que aumentou a preocupação da população sobre as questões envolvendo a segurança alimentar (DAROLT, 2013).

Nesse contexto, surgem mudanças nas práticas alimentares dos consumidores, com o objetivo de acessar alimentos de qualidade, confiança e procedência conhecida (GOODMAN; GOODMAN, 2009). Aparecem movimentos sociais que visam construir mercados alternativos, baseados em circuitos curtos de comercialização, na aproximação relacional entre consumidores e agricultores ecológicos (DAROLT, 2013).

Os circuitos curtos de comercialização oportunizam aos agricultores/as melhores condições de logística, criação de relações de fidelização com os consumidores, organização junto a outros agricultores/as, diminuição dos custos, além do melhor retorno financeiro (FANTINI, 2018). Para a construção de mercados alternativos é necessário levar em consideração ambientes de diálogo e participação dos atores sociais envolvidos em seu processo organizativo e de funcionamento (CASSARINO, 2013).

Uma importante referência no Brasil em construções de mercados alternativos e processos participativos, dentro da agroecologia, é a Rede Ecovida³. Se trata de um conjunto de agricultores familiares, movimentos sociais, organizações não governamentais (ONGs) e grupos de consumidores, os quais se organizam de forma descentralizada por meio de núcleos regionais (ECOVIDA, 2019; ROVER, 2011).

A Rede Ecovida foi pioneira no desenvolvimento do Sistema Participativo de Garantia (SPG), sendo o Brasil o primeiro país a reconhecer o SPG no mesmo nível que uma certificação por auditoria (ECOVIDA, 2019; FIBL, IFOAM, 2018). O SPG funciona por meio do controle social e da responsabilidade de pessoas organizadas, que realizam ações coletivas de monitoramento mútuo e avaliação da conformidade das unidades produtivas quanto às normas da produção orgânica (BRASIL, 2009). Esse sistema demonstrou ser uma alternativa bastante acessível, auxiliando como ferramenta para o desenvolvimento de mercados locais para agricultores familiares de pequena escala, estando presente em 66 países (FIBL, IFOAM, 2018).

³ A Rede Ecovida de Agroecologia foi formada no final da década de 1990 por um conjunto de organizações e movimentos sociais visando criar condições de diversidade produtiva, valorização local/regional e maior autonomia nas relações comerciais através de vínculos sociais diversos que não se restringem apenas aos mercantis, além de colaborar nas lutas pela transformação social junto aos movimentos sociais, no intuito de construir uma sociedade justa, igualitária, ambientalmente sustentável e economicamente viável para todos (ROVER, 2011; ECOVIDA, 2019).

Embora atualmente haja uma expansão no consumo de produtos orgânicos, o número e a organização produtiva dos agricultores/as agroecológicos não acompanham esse crescimento. Portanto, torna-se essencial promover estratégias para viabilizar o aumento da produção agroecológica a partir do atendimento das demandas dos consumidores, iniciativa que atua na promoção da segurança alimentar entre o campo e a cidade (DAROLT, 2013).

3. CONTEXTO EMPÍRICO DA PESQUISA

O grupo “Associação de Agroecologia, Desenvolvimento e Educação Ambiental” (AGRODEA) faz parte do Núcleo Alto Vale do Itajaí da Rede Ecovida de Agroecologia e é formado por quatorze famílias de agricultores/as de quatro municípios do estado de Santa Catarina (Imbuia, Vidal Ramos, Leoberto Leal e Ituporanga). No ano de 2015, o grupo se institucionalizou como associação, integrando produtores rurais que atuam na produção de orgânicos e pessoas envolvidas em questões ambientais, embora atualmente o foco do grupo seja apenas a produção agroecológica. Diante da necessidade destes agricultores/as acessarem canais de comercialização mais justos para seus produtos, iniciou-se em novembro de 2017 uma parceria com o Laboratório de Comercialização da Agricultura Familiar (LACAF/UFSC) para a construção de grupos de consumidores de alimentos agroecológicos e orgânicos na cidade de Florianópolis, as então chamadas Células de Consumidores Responsáveis (CCR).

As CCR são iniciativas que visam a organização e experimentação de arranjos de venda direta de produtos orgânicos/agroecológicos, através de pedidos antecipados e entregas de cestas, as quais tiveram início em 2016, por meio de um projeto de extensão do LACAF/UFSC (ESCOSTEGUY et al., 2018). Elas procuram diminuir os custos de acesso aos alimentos orgânicos e promover relações de proximidade e corresponsabilidade entre grupos de agricultores ligados à Rede Ecovida de Agroecologia e grupos de consumidores interessados no consumo consciente e responsável (LACAF, 2019). A dinâmica de funcionamento se dá através do adiantamento de pedidos e pagamentos por parte dos consumidores, com a entrega semanal de alimentos pelos agricultores em um local único e comum aos consumidores participantes de uma mesma “célula”.

As CCR são construídas coletivamente pelos seus membros, os quais assumem uma série de responsabilidades compartilhadas ligadas ao processo organizativo e ao funcionamento do arranjo comercial. Neste acordo mútuo entre as partes, os agricultores/as assumem o compromisso do fornecimento semanal de um volume e diversidade mínima de produtos que compõem cada modelo fechado de cesta: a) “pequena”, com nove itens e aproximadamente 4,5 quilos e b) “grande”, com treze a quatorze itens e aproximadamente nove quilos. Tais itens são divididos em seis categorias de alimentos: folhosas, frutas, legumes, raízes, temperos ou chás e grãos, as quais variam com base na sazonalidade e planejamento de produção das famílias agricultoras. Já os consumidores devem realizar o pagamento mensal do valor fixo do modelo de cesta escolhido em um ciclo de entregas, o qual corresponde a um mês, como também se comprometerem em retirar seus alimentos no local, dia e horário previamente decidido coletivamente por meio de reuniões.

Deste modo, as CCR oportunizaram diversos benefícios para os agricultores/as, como a redução dos custos de logística e o tempo destinado à comercialização dos produtos, por não necessitarem entregar as cestas individualmente. Para os consumidores, embora exista a necessidade de um maior envolvimento e responsabilização com a iniciativa, isto facilita o acesso aos alimentos agroecológicos a preços justos, oportuniza novos hábitos alimentares, além da construção de uma relação de confiança com os produtores.

A criação dessas novas relações sociais e novos valores amplia a autonomia das famílias agricultoras, pois com a venda garantida permite o aumento da produção em diversidade e qualidade, com menores riscos e desperdícios, possibilitando o planejamento de produção de acordo com a sazonalidade dos produtos agrícolas (ESCOSTEGUY et al., 2018).

Apesar de a venda ser garantida por meio das CCR, existem desafios no grupo AGRODEA relacionados à oferta em quantidade, diversidade, qualidade e regularidade dos produtos, pois a produção dos alimentos ocorre em propriedades com características produtivas, sociais e ambientais distintas, refletindo na necessidade de uma complexa organização para que não haja problemas, como o excesso ou falta de determinados produtos, por exemplo. Dentro do grupo, são treze famílias agricultoras que fornecem semanalmente para as três CCR localizadas em bairros diferentes do município de Florianópolis (SC) e constituídas por aproximadamente 150 cestas. A realização de um planejamento de produção junto ao

grupo AGRODEA foi definido como importante, para se organizar e realizar o abastecimento das CCR, colaborando com a satisfação e fidelização dos consumidores envolvidos na iniciativa, como também na estabilidade financeira das famílias produtoras.

4. MÉTODOS

O presente trabalho é uma pesquisa de caráter participativo, a qual se caracteriza pelo engajamento entre os atores da pesquisa e o extensionista pesquisador, promovendo a integração e a troca de saberes entre estes. A parte empírica da pesquisa foi realizada durante os meses de setembro de 2018 a janeiro de 2019, junto a treze famílias de agricultores/as integrantes do grupo AGRODEA da Rede Ecovida de Agroecologia. Os estabelecimentos produtivos participantes da pesquisa estão localizados nos municípios de Imbuia, Vidal Ramos e Ituporanga (SC).

A escolha do ponto de partida foi através do reconhecimento dos saberes e experiências acumuladas pelo grupo a respeito do tema, para assim realizar etapas de aprendizagem e ressignificação dos conhecimentos entre os atores em questão. Se trata de um processo permanente e contínuo, que visa a autonomia e emancipação dos agricultores/as num processo de planejamento anual de produção. Segundo Dal Soglio (2017), a pesquisa participativa fornece soluções de baixo valor financeiro e fácil acesso aos atores sociais, o que reflete em autonomia, igualdade e sustentabilidade nos agroecossistemas.

No intuito de orientar a análise teórica sobre as problemáticas, como também oportunizar a visualização de um cenário mais amplo, foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre as temáticas que envolvem os objetivos do trabalho. Para levantar informações sobre a demanda por produtos orgânicos foram utilizados dados da pesquisa com os consumidores de uma CCR, a maior dentre as existentes, que é abastecida semanalmente pelo grupo de agricultores estudados. Tal pesquisa realizada pela equipe do LACAF/UFSC, mostra a demanda dos consumidores/as por alguns alimentos específicos e por uma diversidade de produtos ao longo das estações do ano (LACAF, 2018). Estes dados demonstraram que a maioria dos consumidores da iniciativa não estavam familiarizados com a sazonalidade das culturas produtivas. Porém, por estarem inseridos em uma CCR, estão participando de um processo educativo e de responsabilização, oportunizando a aproximação com

a realidade rural, e demonstraram interesse em compreensão destes elementos de sazonalidade. Segundo Dias et al. (2015), o acesso aos produtos orgânicos pode estar associado a outros valores que perpassam o mercantil e ambiental, como os processos participativos, mercados alternativos e à reeducação alimentar.

Para alcançar o objetivo proposto de análise de uma proposta de extensão rural para o planejamento de produção do grupo de agricultores agroecológicos, o trabalho de campo junto às famílias agricultoras foi dividido em duas etapas: a primeira ocorreu com a realização de uma oficina participativa com o grupo e a segunda aconteceu por meio de visitas às famílias do grupo de agricultores/as. A etapa inicial foi realizada em conjunto com a equipe do LACAF/UFSC, com o objetivo de facilitar a interpretação da realidade produtiva do grupo AGRODEA (Fase 1 do Quadro 1). Neste momento pôde-se apresentar os dados referentes à pesquisa com os consumidores da iniciativa, desencadeando coletivamente a construção inicial de um planejamento de produção para atender a demanda das CCR.

Na segunda etapa realizou-se visitas às famílias do grupo de agricultores/as, em um período de uma semana, quando propiciaram-se momentos específicos com cada família, possibilitando trocas de experiências, interação com a rotina de trabalho, caminhadas pelas unidades produtivas, apresentação das informações geradas pelo grupo durante a oficina, levantamento das principais dificuldades e soluções relacionadas ao planejamento de produção e elaboração do calendário sazonal de produção anual da família (Fases 4 e 5 do Quadro 1). Vale ressaltar que a segunda etapa ocorreu 85 dias após a primeira, oportunizando o tempo necessário aos agricultores/as para realizarem as reflexões sobre o tema e execução de alguns encaminhamentos deixados na oficina (Fase 3 do Quadro 1), e para o extensionista pesquisador sistematizar as informações levantadas na oficina (Fase 2 do Quadro 1), as quais foram utilizadas durante a segunda etapa da pesquisa de campo.

Posteriormente, realizou-se o planejamento coletivo da produção e apresentou um calendário sazonal ao grupo de agricultores/as, para que pudessem incorporá-lo em suas dinâmicas produtivas (Fases 6 e 7 do Quadro 1). Importante destacar, que o trabalho de extensão junto ao grupo AGRODEA, com o foco na comercialização dos produtos através das CCR, seguiu sendo realizado pelo LACAF/UFSC.

Quadro 1 – Resumo das fases da pesquisa e seus respectivos métodos.

Fase	Ação	Método / instrumentos
1	Apresentação de informações sobre a demanda diversificada coletada previamente com os consumidores das CCR	Apresentação expositiva para o grupo de agricultores
	Levantamento das dificuldades e soluções para a realização do planejamento de produção e atendimento das demandas	Dinâmica utilizando tarjetas com o grupo de agricultores
	Identificação do potencial produtivo do grupo de agricultores para atender às demandas ao longo de um ano	Elaboração participativa de um calendário de planejamento sazonal com indicação de produtos, épocas e agricultores responsáveis
2	Sistematização em quadro resumo das dificuldades e soluções para a realização do planejamento de produção, pelo extensionista pesquisador	Categorização por recorrência de temas
3	Organização e divisão dos produtos entre as famílias do grupo de agricultores, conforme interesse, aptidão e capacidade produtiva	Reunião mensal do grupo de agricultores, sem a presença do extensionista pesquisador
4	Identificação do potencial produtivo de cada família agricultora para atender a demanda ao longo de um ano, mediado pelo extensionista pesquisador	Elaboração do calendário sazonal com cada família, com indicação de produtos, volume e épocas
5	Levantamento das dificuldades e soluções para a realização do planejamento de produção junto a cada família agricultora	Entrevista semiestruturada listando dificuldades e soluções e definindo as prioritárias
6	Sistematização do planejamento coletivo de produção, a partir das informações de cada família, feito pelo extensionista pesquisador	Calendário de planejamento sazonal do grupo com indicação de produtos, épocas e estabelecimentos responsáveis
7	Apresentação do Calendário de planejamento sazonal às famílias, discussão da sistematização e planejamento coletivo de sua execução	Reunião participativa do grupo de agricultores

Fonte: Elaborado pelos autores

5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste item serão apresentadas as técnicas participativas construídas durante o trabalho de campo realizado junto ao grupo de agricultores/as, como também sistematizações e as análises das informações levantadas.

No intuito de elaborar uma proposta participativa de planejamento de produção e facilitar a interpretação da realidade produtiva pelo grupo de agricultores, foi realizado um trabalho inicial durante a fase 1 da pesquisa no formato de oficina participativa e fase 2 com a sistematização dos resultados da atividade (Quadro 1). No primeiro momento apresentou-se os resultados de pesquisa realizada com os consumidores/as da CCR do Campus UFSC/Trindade, oportunizando reflexões sobre a demanda específica desse mercado, as necessidades, problemas e potencialidades para atendê-la. Ali também se analisou coletivamente como incorporar os principais alimentos demandados pelos consumidores/as no planejamento de produção do grupo de agricultores.

Ainda na fase 1 cada participante recebeu duas tarjetas, onde em uma registrou uma ou mais palavras que associava à principal dificuldade envolvendo o planejamento de produção e na outra registrou uma ou mais palavras relacionadas à principal solução para superar essa dificuldade.

Quando provocados sobre tais pontos, os agricultores/as presentes levantaram diversas questões, as quais foram categorizadas de acordo com a recorrência em três principais grupos, a saber: 1) Funcionamento do grupo de agricultores; 2) Questões produtivas e; 3) Questões familiares.

As “questões produtivas” (grupo 2) foram as que mais trouxeram elementos sobre as dificuldades/desafios para a realização do planejamento de produção. O elemento mais destacado constitui a dificuldade na regularidade da produção de frutas para atender a demanda ao longo do ano. Como ponto forte para solução desta problemática foi apontado o “funcionamento do grupo de agricultores” (grupo 1) foi o mais citado, destacando-se a questão do planejamento e organização da produção entre as famílias como estratégica no atendimento da demanda dos consumidores. Como cada participante da atividade pôde visualizar a opinião dos pares, a técnica usada potencializou a debate coletivo sobre o problema e oportunizou o estabelecimento das prioridades a partir da organização individual de cada família agricultora.

Neste sentido, nesta fase realizou-se uma reflexão coletiva a respeito da organização produtiva do grupo AGRODEA, visando atender a demanda das CCR. Neste momento definiu-se como prioridade que o grupo trabalhasse com os produtos mais demandados pelos consumidores/as participantes da iniciativa. Diante disso elaborou-se, de modo participativo, um calendário no qual foram distribuídos os nove produtos mais demandados pelos consumidores, organizados em diferentes categorias: frutas, legumes, folhosas e raízes, ao longo de um ano, levando em consideração as sazonalidades e condições edafoclimáticas da região. Nesse esquema gráfico indicou-se a quantidade de demanda de cada produto (descrita em kg ou unidade, de acordo com a referência estimada de 170 cestas) e a quantidade estimada conforme potencial produtivo do grupo de agricultores/as, indicando os agricultores/as responsáveis por cada cultura. A técnica do calendário sazonal possibilita que o grupo participante consiga produzir orientações sobre o planejamento anual e as tomadas de decisões coletivas (RUAS et al., 2006).

Ao final da atividade pôde-se visualizar e refletir melhor as dinâmicas do processo produtivo, a diversidade de produtos já ofertados pelo grupo, como também de produtos com potencial de oferta, as dificuldades do escalonamento da produção, os períodos mais favoráveis e críticos de oferta, a partir das culturas de maior importância/demanda para os consumidores.

Como encaminhamento da oficina foi deixado com os participantes um modelo impresso de calendário sazonal, no intuito de estimular o exercício do planejamento sazonal de produção em cada família. A partir dali iniciou-se um processo de organização de cada família agricultora quanto ao seu próprio processo produtivo. Após a elaboração feita por cada uma e com a sistematização feita pelo extensionista pesquisador, os agricultores realizaram a divisão dos produtos conforme o interesse, aptidão e capacidade produtiva, durante uma reunião mensal do grupo. Houve continuidade dessa organização nas reuniões mensais seguintes do grupo (Fase 3 do Quadro 1).

Para seguir na elaboração participativa do planejamento de produção, durante as fases 4 e 5 da pesquisa (Quadro 1) foram promovidos novos momentos de reflexão específica com cada família membro do AGRODEA. Na Fase 4 o extensionista pesquisador auxiliou no levantamento das principais culturas produzidas por cada família para o atendimento da demanda dos consumidores das CCR, totalizando 74 produtos.

Revelou-se ali que o grupo de agricultores/as possui grande potencial de produção em volume e diversidade, quando visualizada a escala temporal de um ano. Esses dados possibilitaram a elaboração de um calendário sazonal coletivo, contendo informações centrais no que diz respeito ao planejamento de produção do grupo, como por exemplo a responsabilização de cada estabelecimento com determinadas culturas, volume e diversidade de produtos que serão ofertados em cada época (Tabela 1).

Na Fase 5 foram identificados, junto a cada família, os principais pontos negativos/dificuldades que limitam o planejamento de produção e os principais pontos positivos/soluções para o planejamento de produção. Quando provocados individualmente ou em família sobre tais pontos, os agricultores/as levantaram diversas questões, as quais foram categorizadas de acordo com a recorrência dos três principais grupos já trabalhados durante a Fase 1 da pesquisa. Entre estes, as questões relacionadas ao “funcionamento do grupo” (grupo 1) são as mais citadas, onde o planejamento de produção entre as famílias é apontado como o principal limite, mas também a principal solução. Na sequência aparece o grupo 2 (questões produtivas), sendo apontado o ponto da mão de obra como o principal limite e a melhoria da qualidade de produção como a principal solução. O grupo 3 (questões familiares) aparece como o menos citado pelos agricultores/as, o que diz respeito à falta de interesse de membros das famílias na agricultura como principal limite e o estímulo para os jovens filhos/as dos agricultores continuarem na agricultura orgânica como a solução.

De acordo com Stropasolas (2011), a sucessão familiar vem se enfraquecendo no meio rural por conta do desinteresse dos jovens em seguir a profissão dos pais, a falta de autonomia e de oportunidades de renda, principalmente para as filhas dos agricultores, afetando na continuidade dos empreendimentos familiares.

Na mesma fase 5 foi perguntado a cada família qual/is as propostas que eles avaliam como mais importantes, no sentido de melhorar o processo de planejamento de produção do grupo. As três respostas mais citadas foram: a promoção de ações de órgãos externos para fomentar a agricultura orgânica (órgãos e instituições de ATER, Prefeitura, etc.); melhorar o processo de montagem das cestas e a qualidade dos produtos no pós-colheita.

Após este momento com cada família agricultora, pôde-se perceber as impressões e opiniões individuais a respeito dos temas já trabalhados anteriormente

no coletivo, o que permitiu visualizar as questões prioritárias na realidade do grupo, permitindo que todos/as contribuíssem na construção de soluções e propostas relacionadas ao futuro da produção e oferta de produtos. Em nosso estudo, como mostrado por Oliveira (2015) e Guzmán e Alonso (2007), o uso de ferramentas participativas proporcionou o empoderamento dos agricultores e a compreensão da importância de estarem se organizando grupalmente para solucionar os desafios postos.

Tabela 1 - Amostra do calendário sazonal final, com planejamento da produção por estabelecimento, construído com o grupo de agricultores agroecológicos AGRODEA.

Produtos (Kg ou Und)	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Nº do estabelecimento*
	0	400	400	400	400	400	400	400	400	400	400	400	6
Alface (Und)	240	240	240	240	240	240	240	240	240	240	240	240	8
	200	200	200	200	200	200	200	200	200	200	200	200	10
Banana (Kg)	10	10	10	10	10	10	10	10	10	10	10	10	7
	300	300	300	300	300	300	150	150	150	150	300	300	8
Batata-salsa (Kg)	0	0	0	0	200	200	200	200	200	200	200	200	6
	0	0	0	0	0	50	50	50	50	50	50	50	7
	0	0	50	50	50	50	0	0	0	0	0	0	8
	0	0	0	50	50	50	50	50	50	50	50	50	13
Feijões (Kg)	0	60	120	120	120	120	120	120	120	120	120	0	4
	0	0	0	50	0	50	0	0	0	0	0	0	7
	0	0	0	0	10	20	0	0	0	0	0	0	2
Hortelã (Und)	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	5
Tomate (Kg)	150	150	150	150	150	0	0	0	0	0	80	100	6
	600	600	300	300	300	300	300	300	300	600	600	600	10

* nos trabalhos de campo foram utilizados os nomes dos agricultores/as

Pôde-se perceber que tal proposta de extensão desenvolvida, de caráter pedagógico e participativo, oportunizou aos agricultores/as reflexões sobre uma maior organização grupal para realizar o planejamento de produção, assim como o seu efetivo planejamento coletivo para dar conta dos desafios por eles mesmos identificados. Isto ficou evidenciado nas soluções e propostas sugeridas e posteriormente encaminhadas por eles/as.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A utilização de técnicas e metodologias participativas junto ao grupo AGRODEA permitiu analisar a pertinência destas em trabalhos de extensão rural. Quando desenvolvidas junto a grupos ou comunidades de agricultores familiares, elas contribuem na percepção coletiva de problemas e alternativas, e podem ser de grande valia para um planejamento anual de produção.

Embora este grupo de agricultores/as já possuía certa organização coletiva por conta de estar inserido na dinâmica de funcionamento da Rede Ecovida de Agroecologia, o processo participativo gerado e aqui analisado proporcionou aos agricultores/as a visualização da realidade produtiva do grupo, baseado na diversidade e potencial de oferta de seus produtos, de acordo com a sazonalidade. Isto lhes permitiu um entendimento das dificuldades de escalonar e dividir a produção entre as famílias, assim como refletir sobre caminhos para efetivar o escalonamento e a divisão da produção entre os membros do grupo. Percebeu-se que é possível o crescimento da produção agroecológica do grupo em quantidade, diversidade, regularidade e qualidade, por meio da realização de um planejamento coletivo, o que permitiria posteriormente expandir o número de consumidores atendidos nas CCR. Cabe destacar que todo o processo descrito e analisado neste artigo partiu de um levantamento da demanda dos consumidores, preocupado com sua satisfação e fidelização junto à iniciativa, o que permitiu um planejamento da produção orientado pela demanda.

Esse tipo de trabalho exige que a atuação dos extensionistas seja contextualizada às realidades e intenções dos grupos sociais envolvidos. Seu papel nestas situações deve ser de facilitador e articulador de pessoas e conhecimentos. O processo estudado representa um caso de sucesso, na medida em que houve o levantamento da demanda dos consumidores, o planejamento da produção pelos agricultores, a implementação do planejado e o crescimento do atendimento das CCR pelo grupo AGRODEA, que pode se organizar melhor para esta finalidade. Além disso, esta metodologia utilizada poderá orientar trabalhos de extensão rural junto a agricultores/as que não participam de um SPG, possibilitando auxiliar nos processos de transição agroecológica nos territórios.

A abordagem participativa adotada promoveu momentos pedagógicos entre o extensionista pesquisador e os atores sociais envolvidos, o que resultou em reflexões

sobre como se organizar e agir frente a eventos futuros. Isto pode permitir a continuidade de um processo extensionista com o mesmo grupo de agricultores, assim como já permitiu que eles se auto-organizassem dando sequência e qualificando o planejamento realizado, orientados pela demanda dos consumidores.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTIERI, Miguel; NICHOLLS, Clara. Agroecología: única esperanza para la soberanía alimentaria y la resiliencia socioecológica. **Agroecología**, v. 7, n. 2, p. 65-83, 2013.

BALEM APARECIDA, Tatiana; ALVES, Ethyene de Oliveira; SCHMELING, Guilherme dos Santos. Os desafios da produção agroecológica e da construção de uma estratégia de mercado de circuito curto através da entrega domiciliar de produtos. **Extensão Rural**, v. 25, n. 4, p. 20-39, 2018.

Brasil. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Instrução Normativa nº 19 de 28 de maio de 2009. **Aprova os mecanismos de controle e informação da qualidade orgânica e aprova os formulários oficiais do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento**. Brasília, DF, nº. 101, 29 maio 2009c. Seção 1, p. 16-26.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário. **Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural**. Brasília, DF: SAF; DATER, 2004.

BROSE, M. (Org.). **Metodologia participativa: uma introdução a 29 instrumentos**. Tomo Editorial. Porto Alegre. p.240, 2001.

CAPORAL, Francisco Roberto. Bases para uma nova ATER pública. **Extensão Rural**, n. 10, p. 1-20, 2003.

CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio. Perspectivas para uma Nova Extensão Rural. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, p. 16-37, 2000.

CAPORAL, Francisco Roberto; RAMOS, Ledjane de Fátima. **Da extensão rural convencional à extensão rural para o desenvolvimento sustentável: enfrentar desafios para romper a inércia**. Brasília, DF, 2006.

DAL SOGLIO, Fábio Kessler. Princípios e Aplicações da Pesquisa Participativa em Agroecologia. **REDES: Revista do Desenvolvimento Regional**, v. 22, n. 2, p. 116-136, 2017.

DAROLT, M. R. Circuitos curtos de comercialização de alimentos ecológicos. In: NIEDERLE, P.A.; ALMEIDA, L.; VEZZANI, F.M. (Org.). **Agroecologia: práticas, mercados e políticas para uma nova agricultura**. Curitiba: Kayrós. p. 139-170. 2013.

DIAS, Valéria da Veiga; SCHULTZ, Glauco; SCHUSTER, Marcelo da Silva; TALAMINI, Edson; RÉVILLION, Jean Philippe. O mercado de alimentos orgânicos: um panorama quantitativo e qualitativo das publicações internacionais. **Ambiente & Sociedade**. São Paulo, n. 1, p. 161-182, 2015.

ESCOSTEGUY, Isadora Leite; PUGAS, Adevan da Silva; MORGAN, Luan. M.; SOUZA, Nayã Morelli; ROVER, Oscar José. Agroecologia e comercialização de alimentos: uma leitura a partir de experiências e compras coletivas de alimentos orgânicos. In: **XIV Seminário Internacional PROCOAS**, 2018, Córdoba: Universidad Nacional de Córdoba, 2019. p. 515- 528

FANTINI, Andrea; ROVER, Oscar José; CHIODO, Emilio; ASSING, Lucilene. Agroturismo e Circuitos Curtos de Comercialização de Alimentos Orgânicos na Associação “Acolhida na Colônia”- SC/Brasil. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 56, n. 3, p. 517-534, 2018.

FIBL/IFOAM. Research Institute of Organic Agriculture/International Federation of Organic Agriculture Movements. **The world of organic agriculture: statistics and emerging trends**, 2018

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 7.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GANDIN, Danilo. **Planejamento como prática educativa**. São Paulo: Loyola, 1983.

Goodman, D; Goodman, M. Alternative Food Networks. **International Encyclopedia of Human Geography**. ed. / R Kitchin; N Thrift. Oxford : Elsevier,. p. 208-220, 2009.

GUZMÁN, C. G.; ALONSO, M. A. La investigación participativa en agroecología: una herramienta para el desarrollo sustentable. **Ecosistemas**, v. 16, n. 1, p. 16-27, 2007.

KUMMER, Lydia. **Metodologia participativa no meio rural: uma visão interdisciplinar. Conceitos, ferramentas e vivências.** Salvador: GTZ, 2007.

LACAF, Laboratório de Comercialização da Agricultura Familiar. (2018). **Relatório do questionário de avaliação dos consumidores/as da CCR UFSC.** Florianópolis, SC: Universidade Federal de Santa Catarina. Acessado em: 10/04/2019. Disponível em: <http://lacaf.paginas.ufsc.br/files/2017/05/Relat%C3%B3rio-do-Question%C3%A1rio-de-Avalia%C3%A7%C3%A3o-dos-Consumidores-da-CCR-UFSC-2018.pdf>.

LACAF, Laboratório de Comercialização da Agricultura Familiar. (2019). **Células de consumo responsável.** Florianópolis, SC: Universidade Federal de Santa Catarina. Acessado em: 10/04/2019. Disponível em: <http://lacaf.paginas.ufsc.br/celula-de-consumo-responsavel/>.

OLIVEIRA, Marcelo Leles Romarco. Reflexões sobre o uso de metodologias participativas como instrumento de trabalho em comunidades rurais. **Em Extensão**, v. 14, n. 1, p. 30-51, 2015.

PASSOS, Marcelo; TORRES-ISAGUIRRE, Katya R.; Certificação na prática: a rede ecovida e os desafios da implementação de sistemas participativos de garantia. IN: NIEDERLI, Paulo André; ALMEIDA, Luciano de; VEZZANI, Fabiane Machado. (Org). **Agroecologia: práticas, mercados e políticas para uma nova agricultura**, Curitiba: Kairós, 2013.

PATRÍCIO, Patrícia Cartes; GOMES, João Carlos Costa. Desenvolvimento rural sustentável, planejamento e participação. **Revista NERA**, Presidente Prudente, v.15, n.21, p. 100-113, jul./dez. 2012.

PERERA, Apes Falcao; GOMES, João Carlos Costa. O uso de metodologias participativas na democratização do conhecimento: avaliação de rede de referência na Região Sul do RS. **Extensão Rural**, n. 18, p. 123-146, 2009.

REDE ECOVIDA DE AGROECOLOGIA – **Certificação.** 2019. Acessado em: 27/04/2019. Disponível em: <http://ecovida.org.br/certificacao/>.

REDE ECOVIDA DE AGROECOLOGIA – **Como a Rede funciona?.** 2019. Acessado em: 27/04/2019. Disponível em: <http://ecovida.org.br/sobre/>.

ROVER, O. J. Agroecologia, mercado e inovação social: o caso da Rede Ecovida de Agroecologia. *Ciências Sociais Unisinos*, v. 47, n. 1, p. 56–63, 2011.

RUAS, Elma Dias et al. *Metodologia Participativa da Extensão Rural para o Desenvolvimento Sustentável - MEXPAR*. 1ª ed. Belo Horizonte: Bárbara Bela Editora Gráfica, 2006.

SEPULCRI, Odílio. **Planejamento da Propriedade Rural Família.**, 2004. Acessado em: 20/04/2019. Disponível em: http://www.emater.pr.gov.br/arquivos/File/Biblioteca_Virtual/Premio_Extensao_Rural/1_Premio_ER/Planej_Prop_Rural_Fam.pdf.

SEVILLA, Guzman. E. A perspectiva sociológica em Agroecologia: uma sistematização de seus métodos e técnicas. **Revista Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**. Porto Alegre, v.3, n.1, jan./mar, 2002.

STROPASOLAS, Valmir Luiz. Os desafios da sucessão geracional na agricultura familiar. **Revista Agriculturas**, v. 8, n. 1, p. 26-29, 2011.

VILCKAS. M. **Determinantes da tomada de decisão sobre as atividades produtivas rurais: proposta de um modelo para a produção familiar**. 2004. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção) – Departamento de Ciências Exatas e de Tecnologia, Universidade Federal de São Carlos.